

Como o socialismo monetário leva à catástrofe inflacionária

A combinação de altos gastos do governo, intervencionismo desenfreado e a expansão da oferta monetária é a principal causa da hiperinflação. Isso não resulta em prosperidade e igualdade social como prometido, mas em uma divisão social ainda mais acentuada e na miséria em massa.

Falsas promessas

O processo de empobrecimento começa com as falsas promessas de justiça social e mais estado de bem-estar social. A propriedade privada não é mais segura, a intervenção do governo está aumentando e o investimento empresarial está caindo.

Mas esses alarmes não levam uma liderança política ideologicamente teimosa a mudar de rumo e cortar os gastos do governo com base na expansão do crédito.

Tais governos aumentam os gastos do governo e induzem os bancos centrais a expandir o dinheiro quanto mais a economia enfraquece. Em vez de resolver os problemas, eles são exacerbados. Enquanto mais regulamentação e intervencionismo estão estrangulando o lado da oferta da economia de bens, a demanda inflacionária está aumentando. O país está envolvido em uma espiral mortal de crises econômicas, políticas e sociais que se reforçam mutuamente.

No início de tal processo de declínio, algumas vantagens ilusórias aparecem. Depois de um curto período de tempo, no entanto, são principalmente os mais pobres que mais sofrem, até que o resto da sociedade também cai em um colapso catastrófico.

Quando se trata da questão de quando a oferta monetária se torna inflacionária, as expectativas desempenham um papel importante. Mas estes não surgem do nada. Eles têm uma conexão na realidade econômica e no discurso público, incluindo a propaganda do governo ou pela mídia ou seu silêncio sobre os problemas. Mas há um ponto em que as expectativas para o futuro estão pendendo. Quando as expectativas inflacionárias se solidificam, os bancos centrais ficam impotentes, e nem o governo nem os meios de comunicação de massa que os obedecem podem parar o monstro da inflação de preços.

Uma ordem monetária livre não significa que não haja demarcação. Em vez disso, o atual sistema monetário está fora de controle, com a intervenção constante dos bancos centrais e da propensão desenfreada dos governos para os gastos deficitários. Ao contrário de um sistema monetário fiduciário, um padrão-ouro ou sistema similar com uma âncora forte combinaria flexibilidade de curto prazo com estabilidade de longo prazo.

Para os decisores oficiais, as taxas de juro são um instrumento de intervenção, embora devam refletir a preferência temporal e, como tal, a taxa de juro natural. Os banqueiros centrais só podem manipular a taxa de juros monetária. O que conta são a oferta monetária e as expectativas. Uma taxa de juros mais alta torna o empréstimo mais caro e, portanto, pode impedir a expansão da circulação monetária na economia. Além disso, o aumento das taxas de juros pode mudar as expectativas sobre a inflação futura dos preços, reduzindo assim a velocidade de circulação. No entanto, o ponto principal sobre o aumento da taxa de juros é que o banco central tem que reduzir a base monetária, a fim de obter taxas de juros mais altas. Os bancos centrais não podem aumentar a taxa de juros e

deixar a base monetária inalterada. Se os bancos centrais visam um certo nível da sua taxa de juro de política, devem controlar a base monetária em conformidade.

### Política de endividamento

O dinheiro entra em circulação através do canal de crédito. Os bancos comerciais recebem um saldo com o banco central e concedem empréstimos a consumidores, empresas e solicitantes de crédito estaduais e municipais. Assim, existem duas fontes de criação de crédito e dois tipos básicos de dinheiro: dinheiro do banco central e dinheiro de depósito. O sistema monetário moderno é um sistema de crédito puro baseado em moeda fiduciária sem apoio físico, como o ouro. Os governos deixaram o padrão-ouro no início da Primeira Guerra Mundial e nunca mais voltaram a ele. Hoje em dia, o Estado pode criar tanto dinheiro quanto quiser através do banco central.

Embora a moeda fiduciária seja baseada em dívida, nem toda a criação de moeda de crédito tem um impacto direto na economia. Por exemplo, os bancos comerciais podem pedir dinheiro emprestado do banco central, mas não usá-lo para empréstimos, mas depositá-lo em suas contas no banco central. Então, mais dinheiro do banco central não significa mais empréstimos comerciais para investidores e consumidores na economia. Além disso, mais liquidez não leva necessariamente a mais demanda, pois os detentores de dinheiro podem diminuir a frequência das transações. Se os agentes econômicos gastam menos e mantêm seus ativos financeiros por um longo período de tempo, a velocidade da circulação monetária diminui. Portanto, é errado postular que mais dinheiro significa necessariamente mais crédito e que mais dinheiro sempre leva a mais gastos. Essa era a suposição dos monetaristas. Deve também ter-se em conta que nem todo o dinheiro recém-criado tem de fluir para a economia real, mas circula no mercado financeiro, ou seja, principalmente nos mercados obrigacionista e bolsista.

### Fluxo de Moeda

Por exemplo, se os governos tentarem estimular suas economias por meio de gastos adicionais com déficit, a taxa de juros deve subir com base nas expectativas de inflação. Mas o banco central pode neutralizar temporariamente isso e manter artificialmente as taxas monetárias abaixo de sua taxa natural. Nesse caso, o dinheiro inteligente sai do país e a moeda se deprecia.

Em seguida, a manipulação da taxa de câmbio e até mesmo os controles de capital entram em jogo. Uma intervenção leva à próxima e, eventualmente, tudo se confusa.

Se, como é frequentemente o caso nos países em desenvolvimento e emergentes, a elasticidade das importações for baixa, o volume das importações não cairá drasticamente. Mesmo que o preço das importações, expresso em moeda nacional, aumente em resultado da depreciação da taxa de câmbio, o volume das importações não diminuirá. Isso pode desencadear uma inflação de preços doméstica e, por sua vez, fazer com que mais dinheiro saia do país. Em desespero, a liderança do Estado então se sente compelida a manipular a taxa de câmbio ainda mais maciçamente ou a introduzir controles de capital. No final, o caos é tão grande que o experimento de estímulo sai pela culatra. Em vez da expansão econômica pretendida, o país está sofrendo de uma crise cambial, contração ou mesmo colapso financeiro.

Um sistema com uma quantidade fixa de base de dinheiro não é inelástico. Mesmo sob o padrão-ouro ou um sistema similar com uma forte âncora que fixa a oferta monetária, haverá flutuações na quantidade total de liquidez no curto prazo. No longo prazo, os preços tenderão a cair à medida que a

produtividade aumenta. As expectativas não saem do controle porque a inflação de preços e a deflação não podem se desviar desproporcionalmente da oferta monetária no longo prazo. No entanto, sob um sistema monetário fiduciário, a inflação e a deflação podem atingir proporções excessivas.

Os bancos centrais estão pressionando, tremendo e criando mais e mais dinheiro para combater a deflação e, no entanto, não há pressão ascendente até que, de repente, haja um aumento maciço nos preços e até mesmo a ameaça de hiperinflação. Tal como acontece com a garrafa de ketchup, o molho esguicha depois de um longo shake de uma só vez. A analogia também se aplica ao que vem a seguir. Enquanto o molho de ketchup sai da garrafa em um respingo, todos os esforços são em vão para obter o excesso de molho de volta para a garrafa. Na verdade, é impossível desfazer a operação.

Em um sistema monetário fiduciário, não só a inflação de repente vem como um choque, mas também a deflação. Sob um sistema fiduciário, uma contração monetária é prejudicial porque geralmente aparece do nada e afeta as atividades comerciais de longo prazo (transações de juros e parcelas, contratos de longo prazo, etc.).